

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO
CJE0641 – Teorias e Práticas da Leitura
1º semestre de 2020
Prof. Thiago Mio Salla

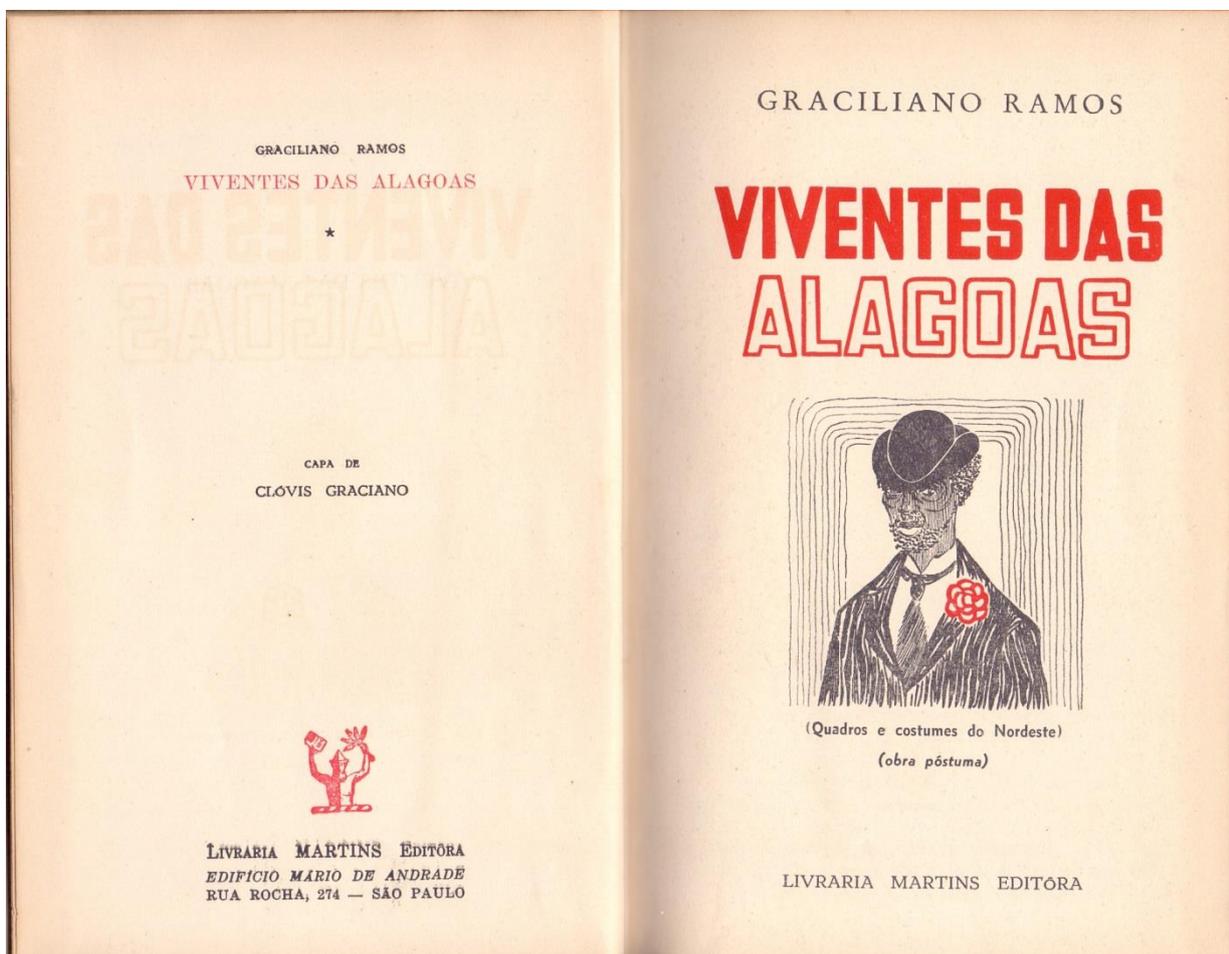
Data ____/____/2020

Aluna(o) _____

Lista de Leitura

TEXTO 1

A crônica “D. Maria Amália” publicada no livro póstumo de Graciliano Ramos *Viventes das Alagoas – Quadros e Costumes do Nordeste* (São Paulo: Martins, 1962)



D. Maria Amália

O gabinete de S. Excia., como todos os gabinetes de pessoas importantes, estava sempre cheio. Pedidos, choradeiras, desejos de vingança, vaidades, calúnias, reedições vivas de cartas anônimas — um inferno.

O governador aborreceu-se disso, abandonou as audiências e começou a rodar num automóvel pelo interior do Estado, ensinando agricultura e zootecnia aos matutos e tentando endireitar os orçamentos municipais. Em cada semana eram dois dias de fuga.

O pior é que nesses dois dias, passados aos solavancos, entre atoleiros, lá vinham, mal o carro parava, as cenas do gabinete: as mesmas lamúrias, os mesmos enredos, as mesmas pequeninas safadezas. Sômente, como não havia sala de espera, o governador se punha em contacto com tôdas as misérias da terra. E as misérias vestiam-se mal e falavam linguagem incorreta.

Ora, das criaturas que aperreavam S. Excia., d. Maria Amália era a mais incômoda. No gabinete, no sertão, livre das horas de expediente, no cinema, assistindo a uma cerimônia oficial, respirando poeira em vagão da *Great-Western*

ou escondido num dêsses recantos indispensáveis que não é preciso mencionar, descansando, fazendo a barba, dormindo, comendo, amando, o governador era atezado por d. Maria Amália, pelos representantes de d. Maria Amália ou pela recordação de d. Maria Amália.

Senhora terrível, sempre com um inimigo para deitar abaixo e um amigo para colocar. Nunca estava satisfeita: achava poucos os favores que os seus amigos recebiam e julgava os inimigos demasiadamente favorecidos.

D. Maria Amália era mulher dum chefe político influente. Às vèzes prefeito, outras vèzes deputado ou senador, o marido de d. Maria Amália tinha grandeza. Na câmara, no senado, nas secretarias, nas diretorias, imaginavam que êle dispunha de dois mil votos e respeitavam-no.

Mas no município dêle todos sabiam que os votos eram de d. Maria Amália, que manejava o delegado, o subdelegado e os inspetores de quarteirões, o administrador da recebedoria, o coletor federal, o promotor, os jurados, os conselheiros municipais e o prefeito. Dessas autoridades heterogêneas, umas, maleáveis, quebravam a cabeça para adivinhar os pensamentos de d. Maria Amália e corriam a contentá-la; outras de têmpera rija e carranca, resistiam, discutiam e obedeciam com independência.

O governador começou a fugir daquela mulher temerosa, que, depois da eleição, exigia empregos para todos os eleitores, adotava, por intermédio do marido, o negócio de vendas à vista, tanto por voto.

S. Excia. precisava dos votos, mas não possuía a quantidade necessária de empregos. Espremido o orçamento, ainda ficavam muitos candidatos afastados do tesouro, desgostosos, dizendo cobras e lagartos do govêrno.

Caso sério. O eleitor cambembe vota para receber um par de tamancos, um chapéu e o jantar que o chefe político oferece à opinião pública; mas o leitor considerado quer modo de vida fácil, ordenado certo e a educação dos filhos.

S. Excia. compreendia perfeitamente que a oposição engrossava. Paciência. Depois dos votos, promessas.

Os homens acreditavam nas promessas, mas d. Maria Amália não se deixava embromar: examinava as coisas por miúdo, reclamava paga, *toma lá, dá cá*. E o seu nariz bicudo farejava os decretos que se ocultavam nas diretorias, nas secretarias e nas oficinas da Imprensa Oficial.

Essa figura antipática e exigente cresceu tanto que tomou para o governador as proporções duma calamidade. D. Maria Amália tornou-se um símbolo. Foi a representação da nossa tralhada econômica, social e política.

E S. Excia., desprezando o gabinete e percorrendo os municípios distantes da capital, procurava de balde evitar as manifestações que d. Maria Amália lhe trazia de malandragem e parasitismo. Quando a malandragem e o parasitismo, embrulhados em boa sintaxe e enfeitados de retórica, mostravam a cauda numa coluna de jornal ou nas declamações excessivas dum discurso, S. Excia. franzia a testa e queixava-se de d. Maria Amália.

Um conselho municipal aprovava as contas do prefeito que esquecia as obras públicas e gastava mundos e fundos com pessoal.

— Administração de d. Maria Amália.

Um coronel mandava o júri absolver ou condenar criminosos.

— Justiça de d. Maria Amália.

Um delegado tomava a faca dum cabra e ia vendê-la a outro.

— Polícia de d. Maria Amália.

Todos os anos, no dia 7 de setembro, o governador recebia um telegrama que nunca mudava: "Congratulo-me com eminente amigo comemoração data independência querida pátria. Cordiais saudações."

— Política de d. Maria Amália.

E d. Maria Amália crescia.

Hoje é uma senhora bem conservada, respeitável, com excelentes relações.

Algumas pessoas julgaram há tempo que ela ia morrer. Tolice. Morrer tão môça, quando, como diz o poeta, êste mundo é um paraíso!

Resistiu a tôdas as comissões de sindicância e está forte, gorda e bonita.

1 de outubro de 1941

TEXTO 2 — a mesma crônica publicada originariamente na revista getulista *Cultura Política*, na seção Quadros e Costumes do Nordeste, sem título (apenas com a numeração "1") ano 1, n.2, abr. 1941.

Quadros e costumes do Nordeste

II

GRACILIANO RAMOS

O sistema eleitoral da Primeira República criou, no interior do Brasil, curiosos tipos de caudilhos. Em torno deles girava a vida estadual e municipal. Todo um grupo de interesses pessoais se organizava em redor dessas figuras, que comandavam os negócios sociais. Cada uma delas podia repetir a frase simbólica de Luiz XIV: "L'Etat c'est moi". E era mesmo. Depois de novembro de 1937, as coisas mudaram de rumo. Essas figuras caíram, se apagaram, se dissolveram na onda revolucionária que introduziu novos costumes e novos métodos de conduzir a vida regional. Em sua crônica de hoje, o autor procura fixar um desses tipos, encarnado na pessoa de uma mulher. Era comum as mulheres manobrem tiranicamente com os negócios do Estado. Elas faziam nomeações, derrubavam prefeitos, elaboravam leis, faziam da administração pública uma continuação do seu "boudoir". O caudilhismo feminino provocava manifestações curiosas, na vida pública do Nordeste Brasileiro. E é a pena segura de um dos maiores romancistas do Brasil de hoje que nos vai pintar, em poucas palavras, esse quadro tão familiar aos que conheceram o Nordeste há alguns anos atrás.

○ GABINETE de s. excia., como todos os gabinetes de pessoas importantes, estava sempre cheio. Pedidos, choradeiras, desejos de vingança, vaidades, calúnias, reedições vivas de cartas anônimas — um inferno.

O governador aborreceu-se disso, abandonou as audiências e começou a rodar num automovel pelo interior do Estado, ensinando agricultura e zootécnica aos matutos e tentando endireitar os orçamentos municipais. Em cada semana eram dois dias de fuga.

O peor é que nesses dois dias, passados aos solavancos, entre atoleiros, lá vinham, mal o carro parava, as cenas do gabinete: as mesmas lamúrias, os mesmos enredos, as mesmas pequeninas safadezas. Somente, como não havia sala de espera, o governador se punha em contacto com todas as misérias da terra. E as misérias vestiam-se mal e falavam linguagem incorreta.

Ora, das criaturas que aperreavam s. excia., d. Maria Amália era a mais incômoda. No gabinete, no sertão, livre das horas de expediente, no cinema, assistindo a uma cerimônia oficial, respirando poeira em vagão da *Great Western* ou metido num quarto, descansando, fazendo a barba, dormindo, comendo, amando, o governador era atazanado por d. Maria Amália, pelos representantes de d. Maria Amália ou pela recordação de d. Maria Amália.

Senhora terrível, sempre com um inimigo para deitar abaixo e um amigo para colocar. Nunca estava satisfeita: achava poucos os favores que os seus amigos recebiam e julgava os inimigos demasiadamente favorecidos.

D. Maria Amália era mulher dum chefe político influente. As vezes prefeito, outras vezes deputado ou senador, o marido de d. Maria Amália tinha grandeza. Na câmara, no senado, nas

secretarias, nas diretorias, na chefatura de polícia, imaginavam que êle disputava de dois mil votos e respeitavam-no.

Mas no município dêle todos sabiam que os votos eram de d. Maria Amália, que manejava o delegado, o subdelegado, os inspectores de quarteirões, o administrador da recebedoria, o coletor federal, o promotor, os jurados, os conselheiros municipais, o prefeito e o zelador do cemitério. Dessas autoridades heterogêneas, umas, maleáveis, quebravam a cabeça para adivinhar os pensamentos de d. Maria Amália e corriam a contentá-la; outras, de têmpera rija e carranca, resistiam, discutiam e obedeciam com independência.

O governador começou a tugar daquela mulher temerosa, que, depois da eleição, exigia empregos para os eleitores, adotava, por intermédio do marido, o negócio de vendas à vista, tanto por voto.

S. excia. precisava dos votos, mas não possuía a quantidade necessária de empregos. Espremido o orçamento, ainda ficavam muitos candidatos afastados do tesouro, desgostosos, dizendo cobras e lagartos do govêrno.

Caso sério. O eleitor cambembe votava para receber um par de tamancos, um chapéu e o jantar que o chefe político oferecia à opinião pública; mas o eleitor considerado queria modo de vida fácil, ordenado certo e a educação dos filhos.

S. excia. compreendia perfeitamente que a oposição engrossava. Paciência. Depois dos votos, promessas.

Os homens acreditavam nas promessas, mas d. Maria Amália não se deixava embromar: examinava as coisas por miúdo, reclamava paga, *toma lá,*

dá cá. E o seu nariz bicudo farejava os decretos que se ocultavam nas diretorias, nas secretarias e nas oficinas da Imprensa Oficial.

Essa figura antipática e exigente cresceu tanto que tomou para o governador as proporções duma calamidade. D. Maria Amália tornou-se um símbolo. Foi a representação da trapalhada econômica, social e política.

E s. excia, desprezando o gabinete e percorrendo os municípios distantes da capital, procurava debalde evitar as manifestações que d. Maria Amália lhe trazia de malandragem e parasitismo. Quando a malandragem e o parasitismo, embrulhados em boa sintaxe e enfeitados de retórica, mostravam a cauda numa coluna de jornal ou nas declamações excessivas dum discurso, s. excia. franzia a testa e queixava-se de d. Maria Amália.

Um conselho aprovava as contas do prefeito que esquecia as obras públicas e gastava mundos e fundos com pessoal.

— Administração de d. Maria Amália.

Um coronel mandava o juri absolver ou condenar criminosos.

— Justiça de d. Maria Amália.

Um delegado tomava a faca dum cabra e ia vendê-la a outro.

— Polícia de d. Maria Amália.

Todos os anos, no dia 7 de Setembro, o governador recebia um telegrama que nunca mudava: "Congratulo-me com eminente amigo comemoração data independência querida pátria. Cordiais saudações".

— Política de d. Maria Amália.

E d. Maria Amália subia.

Depois desceu. Hoje é uma senhora grisalha, gorda, respeitável, com boas côres, bom estômago, boa memória. E vive descontente.